

A PARTICIPAÇÃO DO HISTORIADOR JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES NA RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE MAX WEBER NO BRASIL

Thiago Rodrigo da Silva*

Porque Max Weber foi, na verdade, um dos alemães mais vigorosos e um dos sábios mais universais e mais severamente metódicos da nossa época é que muitos se serviram de sua tese, deformando-a para fins políticos ou partidários, e outros baseados nela prognosticaram (RODRIGUES, 2008, p.117).

José Honório Rodrigues pode ser considerado um dos principais nomes da historiografia brasileira. Tanto pelo refinamento de seu pensamento quanto pelo grande volume da sua produção intelectual. Um aspecto pouco lembrado em sua obra e trajetória é a de sua participação na recepção das ideias weberianas no Brasil. Pode-se observar que a presença do pensamento de Max Weber no cenário intelectual brasileiro foi o tema de alguns artigos de weberólogos nas últimas décadas, como nos exemplos de Jessé de Souza (1998) e Carlos Eduardo Sell (2007, p. 241-128). Todavia, em geral, a figura de José Honório Rodrigues se mantém como um personagem esquecido no interior desse debate.

Poucas foram as exceções à regra de não relacionar a produção intelectual de José Honório Rodrigues à influência weberiana, como também de não o citar ao rememorar o histórico da presença de intelectuais weberianos no Brasil. Os que se dedicaram especificamente a essa característica do seu pensamento foram a sua esposa, Leda Boechat Rodrigues (1996, P. 123-128), e o weberólogo e historiador Sérgio da Mata (2013, P. 77-108)¹, professor na Universidade Federal de Ouro Preto. Ambos publicaram artigos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro observando as influências weberianas em escritos de José Honório Rodrigues sobre o clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004). Nesse sentido, se pretende contribuir com as colaborações já apontadas sobre a participação de José Honório na recepção de Weber no Brasil pelos autores citados ao observar influências do pensamento weberiano em produções por eles não citadas, como nas quais ele explicita o seu entendimento da História enquanto ciência e também nos ensaios histórico-interpretativos da sociedade brasileira.

Nascido no Rio de Janeiro, em 20 de setembro 1913, portanto no tempo em que a cidade foi a Capital Republicana, era oriundo de uma família de classe média do bairro do Catete, a mesma região que se localizava o palácio no qual morava o Presidente da República.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

1. O artigo no qual se baseia a análise empreendida foi posteriormente publicado como capítulo em livro (MATA, 2020, p. 269-296).

Ele foi casado com a também intelectual Lêda Boechat Rodrigues, funcionária da justiça e autora de uma *História do Supremo Tribunal Federal*. Morreu em 6 de abril 1987, na capital fluminense (WINTER, 1987, p.12-15).

A sua sólida formação intelectual se iniciou na infância quando foi aluno do Colégio São Bento, instituição que tradicionalmente formou a elite carioca. Posteriormente, como muitos jovens de sua geração que eram atraídos às Ciências Humanas, ingressou na Escola Nacional de Direito da Universidade do Brasil (AZZI, 1979, p.114-115). Nos anos 1930 as opções de cursos em Ciências Humanas eram restritas, sendo os cursos de História, Geografia e Ciências Sociais uma novidade no cenário universitário. Assim, a formação em Direito era um caminho tradicional para os jovens que se empolgavam com o estudo das humanidades. Tendo como ambição a vida política, extinguida com o Estado Novo, teve como sua vocação profissional a História.

A sua primeira grande pesquisa foi uma investigação sobre a presença holandesa no Nordeste Brasileiro, que foi publicada pela Sociedade Brasileira do Açúcar e do Alcool. Posteriormente, recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller para estudar nos Estados Unidos da América. Em seu retorno ao Brasil, trabalhou com Sérgio Buarque de Holanda, personagem importante da vida cultural brasileira do século XX, de quem se tornou amigo. Uma amizade que também manteve com outro nome importante da intelectualidade brasileira e reconhecido como influenciado pelas categorias de análise weberianas, o jurista Raymundo Faoro. A relação de troca intelectual foi rememorada por Faoro em uma entrevista concedida no ano 2000 para o jornal Folha de São Paulo, quando foi perguntado sobre os principais parceiros nos seus diálogos, ofertou a seguinte resposta:

Hoje, o mais assíduo nas conversas é o Carlos Guilherme Mota. Meus antigos interlocutores morreram. Eram o Sérgio Buarque de Holanda. O José Honório Rodrigues. Hoje praticamente sou um homem isolado.²

A despeito da bonita e profunda amizade, podemos estabelecer diferenças nas obras dos três autores pioneiros em sua relação com as categorias de análise weberianas. Raymundo Faoro escreveu sobre o Estado e a formação do patronato político, tendo por muitas vezes recusado a sua classificação como weberiano. Na segunda (e consagrada) versão de *Os Donos do Poder*, afirmou que sua apreciação de Weber não era restrita, mas dotada de um “especial colorido e de outros rumos” (FAORO, 2001, p.13). Sérgio Buarque de Holanda é por vezes classificado como weberiano por seu ensaio *Raf-*

2. Entrevista concedida ao jornalista Marcelo Coelho e publicada no Jornal Folha de São Paulo no dia de domingo, 14 de maio de 2000.

zes do Brasil. Nele buscou estabelecer tipos ideais como “o semeador” e “o ladrilhador”, além de desenvolver o conceito homem cordial, criado por Ribeiro Couto e que tentou ser uma antítese ao “homem racional weberiano”. Todavia, em outras obras, como *Visão do Paraíso*, a influência weberiana é ausente, sendo presente uma “desweberianização” (MATA, 2013, p.94) no pensamento de Holanda após seu ingresso na Universidade de São Paulo.

José Honório Rodrigues se opôs à algumas características do pensamento de Faoro e Holanda. Ao contrário de Faoro, Honório Rodrigues deixou explícito suas influências weberianas no modo como analisou a sociedade brasileira. E, ao contrário de Sérgio Buarque de Holanda, não considerou como válidas as proposições de um “homem cordial” (HOLANDA, 1995, p.141-151). Dos três amigos, aquele que mais explicitamente foi influenciado pelo pensamento weberiano, foi um personagem pouco lembrado na história da presença do pensamento do intelectual alemão no Brasil.³ Em entrevista concedida ao historiador Carlos Guilherme Mota (ex-professor da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie) afirmou José Honório Rodrigues que:

A leitura da filosofia alemã hegeliana e kantiana, sobretudo, Dilthey e Rickert, assim como Max Weber, equilibraram minha formação ideológica. Baseado em Max Weber, pronunciei, em 1946, na Confederação do Comércio de São Paulo, uma conferência sobre Capitalismo e Protestantismo. Weber não estava na moda, mas já contava do index soviético. Minha posição política e ideológica é absolutamente antiditatorial, democrática, liberal --- do ponto de vista político, social e econômico (RODRIGUES In: MOTA, 2010 p.359-360).

Além de pensadores alemães (pelas leituras), ingleses e estadunidenses (pela vivência em universidades dos Estados Unidos e Inglaterra) também existiram, mas em menor escala, a presença francesa da Escola dos Annales. Em especial, a ideia de Lucien Febvre de uma *História Combatente*,⁴ termo que oferta título a um dos livros de José Honório. O ecletismo fez parte de sua formação. Ao contemplarmos, por exemplo, o segundo capítulo do livro *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)* (RODRIGUES, 1978, p.45-62) Max Weber é citado ao lado de vários dos principais historiadores dos séculos XIX e XX: Jacob Burckhardt, Frederick Jackson Turner, Henri Pirenne, Benedetto Croce, Johan Huizinga, entre outros historiadores de destaque no desenvolvimento da ciência. Um dado subjetivo da importância destinada a Max Weber é a de que, dentre os historiadores citados, apenas Weber e Hunzinger tiveram suas fotografias ilustrando as páginas do livro (RODRIGUES, 1978, p.120).

Um dos primeiros estudos sobre José Honório Ro-

3. Esse esquecimento pode ser constatado ao não configurar na listagem dos intelectuais de reconhecida influência weberiana no pensamento brasileiro realizadas por estudiosos do tema da recepção de Weber, como Vamireh Chacon (1988, p. 91-100), Astor Antônio Diehl (1996, p.59-100), Jessé de Souza (1998) e Carlos Eduardo Sell (2007).

4. Como explicou José Honório (RODRIGUES, 1982, p. 7): “O título lembra e se inspira nos Combats pour l’Histoire de Lucien Febvre e, como ele, digo que o livro reflete o que tenho sido de militante não partidário na minha vida.” Essa inspiração Annales não invalida nossa perspectiva de o pensar como historiador weberiano, pois, como apontou o historiador José Carlos Reis (2004, p. 100): “Os Annales parecem dever mais a Weber do que querem admitir.”

drigues foi realizado nos anos 1970 na Universidade de São Paulo. Trata-se da tese de Raquel Glezer: *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica* (1977). Esta, que inaugurou os estudos sobre o pensamento honoriano nos cursos de Pós-Graduação no Brasil, contou com a presença do próprio intelectual na banca de defesa e arguição, sendo um caso raro de pesquisador analista e intelectual analisado dialogando em um rito acadêmico. O mesmo aconteceu com seu amigo Raymundo Faoro, que era objeto de estudo e membro da banca de tese de Carlos Guilherme Mota, posteriormente publicado em livro com o título *A Ideologia da Cultura Brasileira*.

Apesar de não ter sido um upsiano, quando da morte do historiador, sua esposa, Leda Boechat Rodrigues, doou para a Universidade de São Paulo grande parte da documentação colhida por José Honório em suas visitas a diversos arquivos no Brasil e no exterior, além de estar no Instituto de Estudos Avançados da USP grande parte da biblioteca do autor (MOTA, 2010, p.334-335). Interessante, por ser uma característica que singulariza a trajetória de José Honório Rodrigues o fato de não ter atuado como professor catedrático na USP-Universidade de São Paulo. Na vez em que foi convidado pelo professor Eduardo de Oliveira França (catedrático de História Moderna, autor do livro *Portugal em Época de Restauração*) afirmou que não poderia abandonar o Rio de Janeiro devido ao trabalho de sua esposa no Supremo Tribunal Federal.

Talvez pelo fato de não ter tido uma cátedra na principal universidade brasileira, a sua obra permaneceu esquecida durante décadas. Não fez parte dos três autores apontados pelo crítico literário Antônio Cândido como personagens principais da intelectualidade progressista, cujos nomes seriam os de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda (CÂNDIDO, 1995, p.9-21). Também não sendo um dos ideólogos do reacionarismo brasileiro, como Oliveira Viana, os seus textos e o seu pensamento foi, em especial após a sua morte nos anos 1980, deixado ao largo pelos novos historiadores nos anos 1990, que tiveram como foco apresentar novidades na história social e cultural, em grande parte não mais sendo tão ligados à história política e econômica. Essa, uma das razões dos antigos estudos de José Honório Rodrigues não estarem mais presentes nas ementas das disciplinas dos cursos universitários de História, ou na estante de lançamentos nas livrarias brasileiras, que reeditaram obras de seus amigos Sérgio Buarque e Raymundo Faoro.

Pode-se considerar José Honório Rodrigues como um dos primeiros estudiosos de Max Weber no Brasil do Pós-Guerra. Em geral, considera-se o primeiro

artigo específico sobre a obra de Weber nos anos 1940 o elaborado pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos e publicado na Revista de Administração Pública, de título *A Sociologia de Max Weber: Sua importância para a teoria e prática da administração* (CHACON, 1988, p.93-95). Porém, José Honório Rodrigues, no mesmo período, iniciou a sua produção sobre o pensamento weberiano em conferência realizada na cidade de São Paulo sobre a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (WEBER, 2004), palestra essa que fora desmembrada em artigos publicados na revista *Digesto Econômico*, e posteriormente, nos 1970, publicadas pela Editora Vozes como capítulos do livro *História e Historiografia* (RODRIGUES, 2008, p.67-144). Os artigos, transformados em capítulos foram “Capitalismo e Protestantismo: Estado Atual do Problema”; “Expansão Capitalista e Ideologia Canônica em Portugal”; e “O Pecado Danado da Usura”.

Como já mencionamos, dentre os estudiosos da produção intelectual do historiador, dois foram os que o relacionaram aos estudos sobre a obra do sociólogo dos tipos ideais. Leda Boechard, esposa de José Honório Rodrigues, no artigo “Três Estudos de José Honório Rodrigues sobre Max Weber”, além de Sérgio da Mata, no artigo “Weberianismo tropical: caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil”. Ambos utilizaram os artigos supracitados como fontes para a compreensão das influências weberianas no pensamento de José Honório e publicaram na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ambos artigos analisaram, de maneira depurada, as compreensões weberianas sobre o desenvolvimento do capitalismo ocidental. Leda Boechat buscou demonstrar as relações que José Honório apontou entre a apreensão teológica calvinista de lucro e trabalho, tendo como antítese a compreensão do catolicismo ibérico, advindo de um entendimento da teologia escolástica do ócio como valor, e do lucro, como próximo ao pecado da usura, também combatido pela teologia medieval católica. Sérgio da Mata, por sua vez, apontou que os artigos apontavam que Honório estava inteirado com os principais debates dos weberólogos do pós-guerra. Também afirmou que a ausência de José Honório Rodrigues como catedrático orientador de teses nas universidades brasileiras explica a ausência de uma tradição do pensamento weberiano entre historiadores brasileiros, sendo a presença weberiana mais significativa entre os sociólogos. A crítica de Sérgio da Mata é que José Honório pouco apresentou de novidade no que se refere ao conhecimento de Max Weber, sendo mais um divulgador das ideias weberianas que um analista das mesmas. Todavia, pode-se observar em textos mais maduros da produção intelectual honoriana, uma elaboração das ideias de Weber, tanto na composição de uma Teoria da História, como exposto nos primeiros capítulos do livro *Teoria da História do Brasil (Introdução*

Metodológica), assim como nos seus artigos e ensaios de crítica às injustiças da sociedade brasileira.

Apesar de ser um autor que pouco consta nos catálogos das principais editoras brasileiras, justamente as questões ligadas à Teoria da História motivaram a escrita de trabalhos de pós-graduação sobre sua produção historiográfica (OLIVEIRA, 2018, p. 155-177) em especial o seu pioneirismo na área de Teoria de História e Historiografia (FREIXO, 2011, p.143-172). Como traço biográfico, as suas preocupações em relação às questões teóricas estavam ligadas à sua presença nos Estados Unidos da América enquanto bolsista da Fundação Rockefeller (UHIARA, 2014, p.9). Especialmente no livro *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)* foram citados autores que também faziam parte do universo de Max Weber, como Rickert e Werner Sombart (COHN, 2003 p.75-97). A presença weberiana está também relacionada ao debate da diferenciação entre explicação e compreensão (COLLIOT-THÉLÈNE, 2016, p.76-79). Assim, recorreu a Max Weber como possibilidade de explicação das características singulares da história:

Max Weber, teórico e prático da história econômica e da sociologia, campos onde mais facilmente se generaliza, afirma que as leis da casualidade não dominam as ciências históricas; no mundo das ciências culturais e históricas há relações compreensivas de meios e fins, isto é, de motivações e atos (RODRIGUES, 1978, p.99).

Na polêmica sobre qual a disciplina do conhecimento a qual Weber estaria relacionado, se estaria ligado a História (MATA, 2006, p.113-126) ou a Sociologia (SELL, 2011, p. 173-197), Rodrigues o apontou tanto como sociólogo quanto como historiador econômico nesse trecho que foi um dos vários no qual as ideias weberianas foram suporte para as análises desenvolvidas pelo autor de *Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)*. Livro partícipe na recepção das ideias de Max Weber no cenário intelectual brasileiro ao apontar questões centrais da perspectiva weberiana sobre metodologia do trabalho realizado pelos historiadores. As polêmicas levantadas por Weber em outros contextos com autores nos quais Weber teve diálogo, como o historiador Eduard Meyer (especialista em História Antiga) e Werner Troeltsh (teólogo que se destacou em temáticas de história eclesiástica) foram reportados ao público universitário Brasileiro através da escrita teórico-metodológica de José Honório Rodrigues. Essa influência do pensamento alemão também foi utilizada como possibilidade de análise social. Um exemplo foi a crítica contumaz realizada contra a política econômica desenvolvida pelo ministro Delfin Neto. Para tanto, utilizou do debate célebre entre Max Weber e Edward Meyer (WEBER, 2016, p.275-352)

sobre a acidentalidade no processo histórico. Assim, se opunha a Delfin Neto, que não permitia a Fundação Getúlio Vargas apontar o conceito de acidentalidade nas suas análises sobre aumento dos preços em geral e no atacado (RODRIGUES, 1980, p.183-187). A preocupação com questões como o aumento do custo de vida e as dificuldades cotidianas da população eram presentes na vida e na compreensão de História do historiador carioca.

Uma das principais características do pensamento de José Honório Rodrigues, seguindo uma trilha iniciada por Capistrano de Abreu (GONTIJO, 2010, p. 491-526), foi a de ter como uma de suas principais preocupações escrever sobre a história do povo brasileiro. Neste sentido, não foi um demagogo ou mesmo um profeta de cátedra (WEBER, 1982, p.171-176), mas sim um intelectual profundamente comprometido com o rigor científico. Concomitantemente, pensando a ciência histórica como útil para ser um instrumento de luta social para a melhoria das condições de vida da população brasileira.

O seu gosto pelas “coisas do povo” era raro em intelectuais de sua geração, em geral ciosos de seus *habitus* de elite, marco de suas posições estamentais na esfera social. Provavelmente por sua origem de classe, a pequenina classe média urbana, não tinha o preconceito, presente em intelectuais de sua geração, de expressões populares, em especial do futebol, sendo jogador de “peladas” no aterro do Flamengo, um assíduo frequentador do Maracanã, além de torcedor (fanático) do Flamengo, o time do povo carioca. Esta característica foi lembrada pelo historiador norte-americano Thomas Skidmore⁵ no site da Brow University, de Nova Iorque, assim como pelo inglês Leslie Bethell⁶ em palestra proferida na Academia Brasileira de Letras, instituição que José Honório foi membro, assim como também o fora do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A fusão entre um historiógrafo erudito e o homem de classe média com sensibilidade para analisar as dificuldades pelas quais passavam as parcelas mais pobres da população brasileira, se materializaram em alguns artigos de jornais, publicados nos principais periódicos do país, na sua presença na Escola Superior de Guerra no período anterior à Ditadura Militar (da qual sempre fora um opositor) e principalmente na escrita de dois livros que foram grande sucesso de venda nas décadas de 1950 e 1960: “*As Aspirações Nacionais*” e “*Reforma e Conciliação no Brasil*”.

O livro *As Aspirações Nacionais* pode ser considerado um marco de uma nova etapa na trajetória intelectual de José Honório Rodrigues. Antes, seus principais estudos estavam relacionados à Teoria da História e ao Brasil Colonial.

Com esse livro, o historiador expôs uma crítica radical da sociedade brasileira, em especial a visão desabonadora se dirige ao processo de desenvolvimento brasileiro do pós-guerra, no qual ao invés da produção de riqueza, o Bra-

5. <https://library.brown.edu/collections/skidmore/portraits/joseHonorioRodrigues.html>

6. <https://www.youtube.com/watch?v=IQQ6jHatRKQ>

sil vivenciou um aumento brutal da desigualdade social.

Outro livro de importância na obra de José Honório foi *Reforma e Conciliação no Brasil*, que também foi uma incursão do intelectual pelo tempo presente. Livros que podem ser compreendidos como complementares.

Uma das questões apontadas por José Honório é a de correção da tese central de Weber no que tange a presença de influências do pensamento individual no desenvolvimento econômico das nações. Num ambiente intelectual marcado pelo marxismo estruturalista, no qual se buscavam nas relações econômicas a raízes das ideias, a posição do autor foi contrária, lembrando que não apenas os pensamentos são influenciados pela posição de classe na esfera social, como também, as relações econômicas podem ser influenciadas pelo pensamento da maior parcela dos indivíduos de um país. Esse seu pressuposto teórico de inspiração weberiana foi utilizado numa crítica explícita ao quinquênio do presidente Juscelino. Pois, o mesmo teve grandes realizações calcada no Plano de Metas, mas que teve como grande problema o aumento da inflação, que foi motivada pelo consumismo de classe média:

Mesmo que se conteste a tese de Max Weber sobre a influência do ascetismo secular no desenvolvimento do capitalismo dos povos protestantes- já que nas últimas décadas, rápidos crescimentos econômicos se efetuaram com valores de outras denominações religiosas, como na Itália, na França e no Japão, ou até mesmo com motivações anti-religiosas, como na União Soviética e na China- seria incorreto negar a complexidade dos fatores psicológicos que afetam o desenvolvimento. Capitalismo e espírito do capitalismo, socialismo e espírito do socialismo revelam relações tão complexas e íntimas como o desenvolvimento. O quinquênio de Juscelino Kubitschek teve a fraqueza de não correlacionar os fatores econômicos com o desenvolvimento, pois a poupança não foi estimulada, antes dominou nas rodas que o cercavam, o espírito do consumo conspícuo (RODRIGUES, 1970, P. 187).

A principal contribuição dos dois livros principais de análise do processo histórico de formação da sociedade brasileiro está relacionada ao desenvolvimento de categorias analíticas úteis para a compreensão dos principais dilemas que envolvem as relações sociais e políticas. Dois conceitos analíticos desenvolvidos por José Honório Rodrigues se destacaram: “conciliação” e “história cruenta”, presentes em *Reforma e Conciliação no Brasil*, uma obra historiográfica que marca sua oposição radical à Ditadura Militar no Brasil:

Em 1964, houve inconciliação e a imoderação da cúpula militar que dominou o poder e tutelou a nação. Pela primeira vez na história brasileira a força dominante não se conciliou com ninguém, nem com

seus iguais, bastando que fossem adversários do poder. Acreditara, que seriam eternos, que cessariam os conflitos, os antagonismos, a rivalidade de interesses, o que só existe nos regimes totalitários e absolutos. Não se luta só, escreveu Max Weber, por interesse de classe, mas também por diferentes concepções de mundo (RODRIGUES, 1982, p.14).

A constatação que diferentes concepções de mundo estiveram presentes nos embates políticos o motivaram a explicar a História Brasileira como marcada pelo ideal de Conciliação Política. Isto é, nos momentos de crise, setores das elites políticas e sociais buscam a manutenção de seus privilégios como principal causa política, excluindo a maior parcela da população das decisões que afetam a coletividade. Em relação as disputas sociais, uma das principais características que se pode observar é a manutenção de uma política de conciliação entre os diferentes grupos. O ideal de conciliação se fez pelo alto. Isto é, pela ação de frações da elite brasileira, que buscaram se assegurar do poder político, mantendo a maior parte da população longe das decisões políticas e da possibilidade de bem-estar⁴⁰. Para tanto, oferecem pequenos favores ou benesses a pequenos setores da população, como forma de legitimação da manutenção dos privilégios de pequenos grupos.

O conceito de história cruenta tem como principal oposição o conceito de Homem Cordial, criado por Ribeiro Couto e desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Pois, mais que indivíduos que agem pelo coração, o processo histórico brasileiro é marcado pela crueldade cotidiana. Mulheres sendo estupradas. Crianças abusadas sexualmente. Trabalhadores braçais dos campos e das cidades com os corpos lesionados em jornadas extenuantes. Mães de família que perdem seus filhos em ações cruéis por parte de criminosos. Uma das principais expressões utilizadas por José Honório Rodrigues para apontar a história do povo brasileiro é a de um povo capado e recapado, frase formulada no início do século XX por Capistrano de Abreu.

Uma das principais preocupações de José Honório Rodrigues, explícita nos seus textos, era demonstrar que a conciliação não era o retrato de colaboração de classes ou de possibilidades de lida cordial das elites com a população. Tratava-se da ação das elites que agiam de modo extremamente cruel e violento para com a população como forma de manutenção de seus privilégios.

A crueza não significa só o derramamento de sangue, mas a crueldade, quer na hora que vence — e o povo brasileiro, politicamente sempre foi um povo derrotado — quer na hora normal, pacífica, em que não se dá a saúde, a alimentação, a educação, a que tem direito o povo trabalhador. Da crueza faz parte o salário miserável que também lhe pagam o trabalho, quer em face da carestia com que cobram os produtos do seu capital e do trabalho dos outros, e de que resultam benefícios que a

minoria acumula e que amplia a disparidade de renda entre a minoria e a maioria (RODRIGUES, 1982, p.14).

Tal perspectiva, que não pensava a história brasileira na chave dos modos de produção (como o marxismo de Nelson Werneck Sodré) ou nas questões étnicas (como em Oliveira Viana) pode com justiça ser considerado como uma abordagem original e arguta da história brasileira. Pois, em grande parte, pensa que o desenvolvimento do Brasil está condicionado a uma maior autonomia do indivíduo em relação aos potentados locais, como expresso nas práticas clientelísticas e coronelistas. Quando o Brasil fosse composto por homens e mulheres tratados com dignidade e não maltratados com a crueldade cotidiana recorrente, teríamos um país composto por indivíduos autônomos, com uma vida de maior plenitude e bem-estar, que seria sentido pelos habitantes do país.

Uma das questões que se pode pontuar é que não se observa, em José Honório Rodrigues, o que Nelson Werneck Sodré (historiador marxista ligado ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros) denominou de forma irônica e desabonadora como uma “fascinação weberiana” (SODRÉ, 1985, p.33-36). Esse termo, que foi ultimamente utilizado por Sérgio da Mata para dar título a um dos principais livros sobre Max Weber publicados no país (MATA, 2020), foi originalmente criado para criticar o livro *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro. A “Fascinação Weberiana”, na perspectiva marxista de Sodré, teve como principal defeito a percepção que muitos autores se utilizavam de um linguajar weberiano para compreender a História do Brasil, mas sem adentrar em profundidade numa postura efetivamente crítica dos problemas vividos pela população brasileira. Assim, conceitos marxistas, como por exemplo o de “aparelho de estado” poderiam ser substituídos por conceitos weberianos, como “estamento burocrático”. Todavia, pouco teria a contribuir para o entendimento dos problemas nacionais por não serem calcada em pesquisas empíricas, mas apenas em referências bibliográficas sobre a história brasileira, que levariam aos autores apenas uma mudança semântica, e não uma modificação efetiva nas análises empreendidas.

O caso de José Honório Rodrigues está longe de se configurar como uma “Fascinação Weberiana” (no sentido desabonador de Sodré). Isso, dentre as várias questões que podem ser abordadas, podemos elencar duas. Uma primeira foi a de que ele se negou em utilizar categorias analíticas como sinônimo de cientificismo.

Assim, mais que a utilização de categorias de análise weberiana, temos no autor analisado um dos principais estudiosos com preocupações ligadas às fontes da história brasileira. Uma segunda, as suas preocupações empíricas foram tão grandes quanto os seus interesses

teóricos e metodológicos. Assim, ao invés da utilização de um linguajar pautado em categorias analíticas que caracterizaram a presença do pensamento weberiano no Brasil, como “Estamento”, “Carisma”, “Dominação Racional-Legal”, entre tantos outros termos, a sua inspiração weberiana estava pautada em características de um olhar weberianamente motivado, ao pontuar suas análises não em grupos sociais, como, por exemplo, a igreja, as forças armadas, os trabalhadores ou os empresários. Ao analisar essas instituições, ele buscou observar nas ações sociais dos indivíduos que compõem as diferentes instituições o comportamento das mesmas. Sua análise do processo histórico brasileiro, no seu linguajar, deveria ser analisada tendo como premissa o povo. O que poderia ser translado, no linguajar da metodologia de Max Weber, como a partir das ações sociais dos indivíduos (WEBER, 2003, p.15).

Como guisa de conclusão se pode estabelecer alguns limites. Não se está afirmando que foi José Honório Rodrigues um autor exclusivamente weberiano. Mas, a presença de Max Weber foi importante em seus estudos sobre a historiografia e a história brasileira. Em especial, num campo das Ciências Humanas na qual a presença de Max Weber não foi majoritária: a História. E, sua influência de Max Weber não se restringe aos seus estudos iniciais sobre a relação entre o protestantismo e o capitalismo, mas se espraia em vários aspectos da sua produção, como na sua perspectiva de Teoria da História e na sua análise crítica da estrutura social brasileira. Assim, se constata a presença de José Honório Rodrigues como um dos intelectuais responsáveis pela recepção das ideias weberianas na esfera intelectual brasileira.

Referências

AZZI, Riolando. A Interpretação da História do Brasil Segundo José Honório Rodrigues. **Síntese Nova Fase**, v. 14, 1978, p.111-151.

CÂNDIDO, Antônio. O Significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CHACON, Vamireh. **Max Weber: Crise na Ciência e na Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação: Max Weber e a Teoria Social**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. **A Sociologia de Max Weber**. Petrópolis, Vozes, 2016.

DIEHL, Astor Antônio. **Max Weber e a História**. Passo Fundo: EDUPF, 1996.

FREIXO, André de Lemos. Um 'arquiteto' da historiografia Brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. **Revista Brasileira de História**, v. 31, p. 143-172, 2011.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro**. Porto Alegre: Globo, 2001.

GLEZER, Raquel. **O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica**. Tese: Doutorado em História, São Paulo, USP, 1977.

GONTIJO, Rebeca. Tal história, qual memória? Capistrano de Abreu na história da historiografia brasileira. **Projeto História (PUCSP)**, v. 41, p. 491-526, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATA, Sérgio da. **A Fascinação Weberiana**. EdPUCRS: Porto Alegre, 2020.

MATA, Sérgio da. O Mito De 'A ética Protestante E O espírito Do capitalismo' Como Obra De Sociologia". **Locus: Revista De História 12 (1)**. 2006, p..113-126.

MATA, Sérgio da. Weberianismo tropical: caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 460, ano 2013, p. 77-108.

MOTA, Carlos Guilherme. **História e Contra-História: perfis e contrapontos**. São Paulo: Globo, 2010.

MOTA, Carlos Guilherme Santos Serôa da. José Honório Rodrigues: a obra inacabada. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n.3, 1988.

OLIVEIRA, Krisley Aparecida de. José Honório Rodrigues: do entendimento da obra ao estudo de sua recepção. **Veredas da História**, v. 11, 2018, p. 155-177.

REIS, José Carlos. **A História Entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RODRIGUES, José Honório. **Vida e História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RODRIGUES, José Honório. **Aspirações Nacionais: Interpretação Histórico-Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

RODRIGUES, José Honório. **Conciliação e Reforma no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, José Honório. **História Combatente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, José Honório. **História e Historiografia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RODRIGUES, José Honório. **História Viva**. São Paulo: Global Universitária, 1985.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil (Introdução Metodológica)**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978.

RODRIGUES, Lêda Boechat. Três Estudos de José Honório Rodrigues sobre Max Weber. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 460, ano 2013, p. 123-128.

SELL, Carlos Eduardo. História ou Sociologia? A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo em Debate. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. III, 2011, p. 173-197.

SELL, Carlos Eduardo. Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade. São Leopoldo, **Revista Ciências Sociais Unisinos**, vol. 43, n. 3, set.-dez. 2007, p. 241-248.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História e Materialismo Histórico no Brasil**. Rio de Janeiro: Global Universitária, 1985.

SOUZA, Jessé Jose Freire de. Max Weber e a ideologia do atraso brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, 1998.

UHIARA, Érica. **Ensaio de José Honório Rodrigues: Em busca de uma Historiografia Brasileira**. Dissertação: Mestrado em História, Franca, UNESP, 2014.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade (Vol.1)**. Brasília: UNB; 2003.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Ética Protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Maximilian Karl Emil. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2016.

WITTER, José Sebastião. **José Honório Rodrigues: O Historiador Combatente**. Florianópolis, Revista *Ágora*, 1987, Volume 3- p.12-15.

José Honório Rodrigues foi um dos principais historiadores brasileiros do século XX. Eclético em relação às influências teóricas, nesse artigo se analisa, especificamente, a sua participação na recepção das ideias de Max Weber no contexto intelectual brasileiro. A inspiração weberiana é presente em três grandes núcleos. Um primeiro, a sua produção como weberólogo, estudioso das proposições de Max Weber para a compreensão do capitalismo. Um segundo, relacionado à sua compreensão sobre Teoria da História. Por fim, também existe uma influência weberiana nos seus ensaios de interpretação histórico-social. Desse modo, se busca contribuir com o debate acadêmico ao lembrar que José Honório Rodrigues também foi agente importante na recepção do pensamento weberiano no Brasil.

RESUMO

Historiografia Brasileira; José Honório Rodrigues; Max Weber

PALAVRAS-CHAVE

José Honório Rodrigues was one of the main Brazilian historians of the 20th century. Eclectic in relation to theoretical influences, this article specifically analyzes his participation in the reception of Max Weber's ideas in the Brazilian intellectual context. The Weberian inspiration is present in three large nuclei. First, his production as a weberologist, a student of Max Weber's propositions for the understanding of capitalism. A second, related to your understanding of the Theory of History. Finally, there is also a Weberian influence in his social-historical interpretation essays. In this way, it seeks to contribute to the academic debate by remembering that José Honório Rodrigues was also an important name in the reception of Weberian thought in Brazil.

ABSTRACT

Brazilian Historiography; José Honório Rodrigues; Max Weber

KEYWORDS

THIAGO RODRIGO DA SILVA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2214-5115>

E-mail: thiagohstbr@yahoo.com.br

RECEBIDO: 25.09.2022

ACEITO: 10.11.2022